PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO: ATLETAS GAY DA EQUIPE DE VOLEIBOL DA UFPA[1]

PERFORMATIVIDAD DE GÉNERO: ATLETAS GAY DEL EQUIPO DE VOLEIBOL DE LA UFPA

GENDER PERFORMATIVITY: UFPA VOLLEYBALL TEAM GAY ATHLETES

Douglas da Cunha Dias, Universidade Federal do Pará (UFPA),
douglasdc_dias@hotmail.com
Adriano Diego Oliveira Ribeiro, Universidade Federal do Pará (UFPA),
adri_die197@yahoo.com.br
Lucila Silva da Silva, Universidade Federal do Pará (UFPA), luciladgn1@gmail.com
Tayná Keicy da Silva Freitas, Universidade Federal do Pará (UFPA), taynakeicy@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: gênero*; voleibol universitário; atletas gays.*

O esporte de rendimento caracteriza-se pelo binarismo masculino e feminino, predominando a representatividade masculina. Compreendemos gênero como uma construção que "[...] requer uma performance repetida [...] realizada com o objetivo estratégico de manter [...] sua estrutura binária [...]" (BUTLER, 2016, p.242). Mas o caráter performativo provoca rupturas no binarismo, desestabilizando o ideal de gênero permanente como base identitária sólida, revelando "[...] em sua descontinuidade ocasional [a] falta de fundamento temporal e contingente dessa 'base'" (BUTLER, 2016, p. 243). Nossa pesquisa voltou-se ao gênero como performatividade no universo de atletas declaradamente gays da equipe de voleibol masculino da Universidade Federal do Pará. A pesquisa foi qualitativa, sendo aplicado um questionário fechado para onze atletas. Objetivamos compreender a articulação entre o cotidiano de treinos

[1] O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

e jogos desses atletas articulado à tese de performatividade de gênero. O problema de pesquisa foi: quais técnicas gestuais, entendidas como performatividade de gênero, são próprias de jogadores gays de voleibol masculino da UFPA? Deslocamos a tese da "performatividade de gênero" para o universo dos referidos atletas, sendo a mesma construída no treinamento cotidiano dos fundamentos e na disputa de campeonatos. Afirma-se que os atletas gays evidenciariam seu gênero na execução do conjunto de gestos próprios de cada fundamento da modalidade (VOLPE, 2018). De início, os atletas entendem sua forma de jogar como similar a de outros atletas gays ou a de mulheres heteronormativas, diferindo da forma com que homens heteronormativos jogam. A ruptura com o binarismo surge em falas que afirmaram que a plasticidade dos movimentos, defesas e disputa de "ralis" caracterizam a forma gay de jogar, guardando relação com a forma feminina, mas opondo-se à forma masculina heteronormativa, caracterizada pela força física. "Rolamento lateral e para trás", "china" e "peixinho" seriam movimentos realizados por atletas gays em detrimento a atletas heteronormativos. Foram destacados como formas gay de jogar: a preparação que antecede a execução de cada movimento; a "rasgação" ao final de cada movimento (plasticidade exagerada, evidenciando a estética do movimento); atraque (disputa acirrada de pontos, geralmente como "ralis" e concluída com o afronte entre as equipes). Concluímos que os atletas gays compreendem sua forma de jogar voleibol como singular, baseada em movimentos plásticos exagerados, em especial no momento de preparação para a execução dos fundamentos e/ou gestos motores, e no momento final de tal execução.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. *Problemas de gênero:* feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

VOLPE, A. A. S. *Sou gay e daí*: a homossexualidade declarada por jogadores de voleibol – um estudo de caso. Dissertação (Mestrado). UNESP. São Paulo, 2018.